

DOIS DEDOS DE PROSA



Nº107 Recife|PE Outubro|2023

**A agroecologia
como solução possível
de combate à fome**

Prosa de interesse

Dia Mundial da Alimentação, a fome em todo o mundo e a Agroecologia como solução possível.

Saiba mais nas páginas 4 e 5



**Territórios Agroecológicos:
Em Pernambuco,
organizações
apresentam propostas
para a Agroecologia**

Página 3



**Dia do Consumo
Consciente e
relação consumo
e o plástico?**

Página 6



**A ASA e suas
organizações
celebram a volta
dos Programas de
Cisternas pelo
Governos Federal.**

Página 7

Outubro celebramos o Dia Internacional da Alimentação e o Dia Nacional da Agroecologia e com anúncios cheios de esperanças..

Agora é o momento da (re)construção de políticas públicas para a Agroecologia e para o enfrentamento da fome. E a participação social está de volta ao centro da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), com a retomada da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), que irá contribuir na elaboração do III PLANAPO – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (2024-2027). O retorno do Programa de Cisternas, em parceria com o Governo Federal, irá beneficiar novas famílias com acesso à água para beber e para a produção.

Em Pernambuco, para fortalecer espaços de incidência política, o Centro Sabiá vem realizando os Encontros Territoriais de Agroecologia (ETAs) e o terceiro apresentará aos gestores públicos diretrizes para a promoção da Agroecologia nos municípios e territórios. Essa ação pauta a necessidade da regulamentação da **Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica de Pernambuco, criada em 2021** e que até então não tem o seu Plano Estadual, conforme prevê a lei.

Acreditamos que a Agroecologia é o caminho para a construção de estratégias sustentáveis que podem contribuir para o combate à fome e conservação da natureza.

Boa Leitura!

Políticas Públicas para a Agroecologia

Por Giovane Xenofonte

consultor da ANA, Articulação Nacional de Agroecologia, na região NE1, para o projeto Agroecologia na Boca do Povo

Nay Jinkns/Acervo Centro Sabiá



Há bastante tempo que o movimento agroecológico luta para que seja implementado em nosso país políticas que fortaleçam a Agroecologia. Em 2012, através de um decreto presidencial foi instituída a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO, interrompida em 2018 com o desmonte das políticas no governo Bolsonaro, agora em 2023 outro decreto institucionaliza novamente a PNAPO. Estamos, portanto, na eminência da construção do III PLANAPO – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. A construção desse plano é tarefa da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – CNAPO, essa comissão é formada por representantes do governo (50%) e da sociedade civil (50%). Da parte do governo estão um conjunto de ministérios e órgãos fundamentais na execução da política, da parte da sociedade civil, entidades e movimentos que estão engajados na promoção da Agroecologia. Uma

novidade da atual CNAPO é a equidade entre homens e mulheres e o percentual de no mínimo 20% dos representantes de povos e comunidades tradicionais.

Duas características são fundamentais para que um Plano Nacional de Agroecologia tenha êxito, uma é que ele deve congrega um conjunto de políticas, algumas delas já em vigor, como é o caso do PNAE por exemplo, nesses casos a luta é por “agroecologizar” essa políticas ou seja colocá-la dentro dos princípios e da lógica agroecológica. Obviamente novas políticas também precisam ser criadas e implementadas. Outra característica diz respeito à participação social, essa é condição fundamental para o bom funcionamento da política e para o fortalecimento da democracia.

Oxalá que a agroecologia se espalhe pelo nosso país, e que políticas públicas municipais, estaduais e nacionais contribuam para semear esse modo de vida.

Expediente:

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50100.150 - Fone: (81) 3223.7026 e(81) 3223.3323 - Email: sabia@centrosabia.org.br - www.centrosabia.org.br - DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lúcia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Maria Verônica de Santana, Marilene Nascimento Melo e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO GERAL - Maria Cristina Aureliano de Melo Ramos; COORDENAÇÃO TÉCNICO PEDAGÓGICA: Anierica Almeida; COORDENAÇÃO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL: Carlos Magno Morais. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Edgar Caliento, Eliane Nery, Jefferson Vasconcelos, Juliana Peixoto, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Bertino, Rivaneide Almeida, Simone Arimatéia. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Iran Severino, Ivanildo Júnior, Jullyana Lucena, Natália Porfírio, Pedro Eugênio e Vânia Luiza. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Carol Barreto, Darliton Silva, João Lucas França, Maria Letícia Menezes (estagiária) e Rosa Sampaio. NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Breno Lacet. ASSESSORIAS: Janaina Ferraz (Juventudes) e Ricardo Araújo. O Trabalho do Centro Sabiá recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, Manos Unidas, Progettoomondo, Inter- American Foudation (IAF), BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural/Ministério do Desenvolvimento Agrário (ANATER/MDA), Fundo Estadual de Meio Ambiente/Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (FEMA/SEMAS). EDIÇÃO: Rosa Sampaio DRT/PE: 3510 PROJETO GRÁFICO: Kelen Linck. DIAGRAMAÇÃO: Carol Barreto. IMPRESSÃO: MXM Gráfica e Embalagens Ltda. TIRAGEM: 1000 (hum mil) exemplares.

Apoio: **terre des hommes schweiz** Oportunidades para jovens

Redes e articulações:



Territórios Agroecológicos em Pernambuco apresentam propostas para a agroecologia

Por Maria Cristina Aureliano de Melo

agrônoma e coordenadora Geral do Centro Sabiá



Darliton Silva/Acervo Centro Sabiá

A construção dos Territórios Agroecológicos é um processo contínuo e articulado de ecologização do território e dos agroecossistemas camponeses. Para isso é necessário um potente diálogo entre as famílias agricultoras camponesas, suas organizações de base, movimento sociais e sindical, comunidades tradicionais e organizações que articulem o conjunto de iniciativas destes sujeitos para o fortalecimento e promoção de sistemas agroalimentares sustentáveis que

garantam a soberania e segurança alimentar do território e fortaleçam a economia camponesa com baixo impacto ambiental. Ainda assim, isso não se concretiza sem a mobilização popular para exigir políticas e orçamentos para a promoção da agroecologia e do bem viver.

Com este objetivo, o Sabiá e as redes, movimentos e organizações, que representam o movimento agroecológico nos territórios do Sertão do Pajeú, Agreste e Zona da Mata Sul,

realizaram este ano os Encontros Territoriais de Agroecologia (ETAs) para elaborar propostas com a finalidade de construir Planos de Agroecologia para estes territórios. Foram realizados dois encontros em cada território. No primeiro, foi elaborado um diagnóstico identificando os problemas e as oportunidades para a agricultura familiar agroecológica e no segundo foram feitas proposições para o enfrentamento destas dificuldades e para o fortalecimento das iniciativas e ações de promoção da agroecologia, em curso nestes territórios.

Neste mês de outubro, quando celebramos o dia da Agroecologia e da Alimentação será realizado o III ETA, desta vez para apresentar aos gestores públicos as proposições elaboradas e firmar com eles e elas compromissos para a efetivação de ações concretas para a promoção da agroecologia nos municípios e no estado. No dia 11/10 será o encontro do Sertão do Pajeú em Triunfo, no dia 25/10 o da Zona da Mata no IFPE em Barreiros e no 31/10 o encontro do Agreste em Caruaru.

A iniciativa dos ETAs dialoga diretamente com o que está proposto na **Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica de Pernambuco (Lei N° 17.158)**, criada em 2021, mas que até o momento não constituiu a Comissão Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica para a elaboração do Plano Estadual e nem regulamentou a lei. Hoje temos três municípios do estado que têm lei municipal de agroecologia: Bonito, Afogados da Ingazeira e Paulista, resultado das lutas do movimento agroecológico. Só ter a lei não basta. É preciso ter planos elaborados com a participação da sociedade civil, orçamentos garantidos e agentes públicos comprometidos.





Agroecologia: um caminho sustentável para alimentar o mundo e preservar nossas raízes

O Dia Mundial da Alimentação (16 de outubro) nos traz a urgência de refletir sobre a questão da fome, bem como pensar em soluções possíveis para acabar com esse flagelo.

Por Islandia Bezerra

extensionista, pesquisadora e professora associada da Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Alagoas. Compõe a equipe do Governo Federal na Diretoria de Diálogos da Secretaria Nacional de Diálogos Sociais e Articulação de Políticas Públicas

Refletir, ouvir, falar, escrever sobre **fome** é algo difícil e desafiador. Especialmente quando o alimento, a comida, as preparações, os nutrientes, assim como as consistências, as cores, os cheiros, os gostos, as memórias alimentares representam a cultura de um povo e por isso a centralidade de ser e estar em sociedade.

O desafio também se expressa em definir o termo fome. Em 1946, Josué de Castro gritou ao mundo que a fome (não ter comida para comer ou não possuir os meios de como produzir e/ou comprar comida) é um fenômeno econômico, social, mas, sobretudo, político. Décadas depois, essa definição do termo veio na cantiga da banda Titãs: "**a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte**". Passados quase 40 anos desta instigante letra e melodia, falar sobre comida é mais atual e necessário, até mesmo, do que na época do seu lançamento.

A fome está presente na vida de **33 milhões** de brasileiras/os, de acordo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). Segundo a ONU, cerca de **828 milhões** de pessoas no mundo



Ana Lira/Acervo Centro Sabiá

passaram a conviver com a fome em 2021, e essa projeção tende a aumentar.

Mas não basta pensar nesse fenômeno como um desafio, sem nos desafiarmos (aqui a redundância é proposital) a pensar e agir para solucioná-lo. Revisitando Titãs "a gente não quer só comida, a gente quer a vida como a vida quer" pergunto: como a vida quer vida?

Em um contexto de crise climática que se aprofunda em função de um sistema alimentar hegemônico que opera para adoecer, mutilar, contaminar, expulsar, expropriar e matar

peças e natureza, temos um caminho possível: **Agroecologia**.

A agroecologia é um fio carregado de conhecimentos, saberes e práticas que tece uma emaranhada e complexa rede de vidas. Mas, é preciso fazer mais para materializarmos "a vida como a vida quer". A vida quer comida, alimentos, preparações adequadas e saudáveis, culturalmente referenciadas e sobretudo, biodiversa e que traga consigo, na vida e no prato, as cores, os cheiros e os sabores dos nossos biomas:





PH Reinaux/Acervo Centro Sabiá

Da Amazônia que traga seus ingredientes nas preparações de pescados, legumes e tubérculos que pulsam e tremem como a diversidade dos saberes ancestrais para o prato cotidiano, assim como a agroecologia na região que impulsiona e fortalece tais práticas;

Da Caatinga que embrenha sabores, cheiros e texturas exclusivas do lugar, mas que pelo atual modelo predatório vem exaurindo tais riquezas e, a agroecologia se apresenta como sendo o caminho para a solução possível;

Do Cerrado e do Pantanal (bioma de transição) biomas que atravessam estados geograficamente delimitados, mas que encontram na comida “raiz” a presença marcada de frutas, raízes, sementes, castanhas, que enchem os olhos, a boca e o bucho (como se diz aqui na nossa Região Nordeste). A agroecologia nestes biomas tem resgatado práticas de produzir-

comer que subvertem a lógica das monoculturas do entorno.

Da Mata Atlântica – este bioma tão diverso e ameaçado representa uma necessidade real e urgente de fortalecermos a agroecologia, pelo simples fato desta ser VIDA. Certamente, ao ser preservada, cumprirá um papel determinante no enfrentamento à fome.

Do Pampa – em que pese sua menor abundância em termos de variedades de espécies, é desse lugar, que o Brasil experimenta aromas e sabores que expressam culturas diversas, mas que também sofrem com os processos da monocultura. Por outro lado, a agroecologia neste bioma vem resgatando processos de reconexão entre o produzir e o comer, transformando vidas e territórios.

Dentre as riquezas dos biomas, de uma

coisa temos certeza: acabar com fome implica em preservar o que temos de mais valioso: biomas e culturas. Somos feitas/os de comidas, de alimentos, de preparações que trazem consigo histórias, receitas, memórias, elas não são produzidas nas prateleiras de mercados e supermercados. São criadas, alimentadas e nutridas nos quintais, na roça, no sítio, nas áreas coletivas de produzir e comer, nos lotes de assentamentos de reforma agrária, mas também nas áreas das periferias dos grandes centros urbanos onde a agroecologia produz novas relações da sociedade com a natureza, e da sociedade com ela mesma. **Agroecologia como solução possível para acabar com a fome no mundo, não é utopia. É preservar a própria existência.**





Dia do Consumo Consciente: qual a relação do consumo com plástico?

O plástico está mais presente na nossa vida do que imaginamos, e mais do que nunca, no consumo. O Dia do Consumo Consciente (15 de outubro) nos leva a pensar sobre o assunto

Por Simone Arimatéia

técnica em Agroecologia e assessora técnica de Agricultura Urbana e Periurbana do Centro Sabiá

O dia do consumo consciente surge no Brasil em 2019, criado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) para nos alertar sobre os problemas criados pela forma como produzimos e consumimos. Afinal, porque consumimos tanto? Pensando nisso, vamos descobrir que muitas vezes somos condicionados a consumir mais do que precisamos.

Existe uma estratégia usada pela indústria que é a “obsolescência programada”. Pela sua lógica, os bens de consumo são feitos para durarem pouco, quebram rápido. Algumas décadas atrás, uma geladeira era comprada e durava 30 anos com a mesma família, passando por pequenas manutenções e consertos ao longo da sua vida útil. Atualmente, uma geladeira pode apresentar defeito antes de completar seu primeiro ano, e dificilmente ela durará mais que cinco anos na sua casa.

O problema é que para produzir itens de consumo, usamos partes da natureza que não se refazem de forma rápida, ou seja, estamos consumindo o planeta e com isso produzindo muitos resíduos, o lixo.

O lixo é uma invenção humana, na natureza tudo que existe é insumo para um novo ciclo de vida, tudo se decompõe e/ou alimenta algo. Já o lixo precisa ser transformado, reciclado de alguma forma para não poluir a natureza.

Ao observar algum alimento, um coco, por exemplo, colhido no coqueiro, pode ser vendido e consumido. Sua “embalagem” (a



Adobe Stock

quenga do coco, fiapos e fibra) pode ser “descartada” na natureza e irá se decompor em poucos meses, levando benefícios ao solo. Sob o argumento de vender praticidade, a indústria passa a nos vender água de coco engarrafada em plástico. Garrafa plástica que ao ser descartada pode levar até 450 anos para se decompor.

Dentre as muitas coisas que consumimos, o plástico está em praticamente tudo. Até nas nossas roupas feitas de poliéster. Ao descartar itens, temos a falsa sensação que eles deixaram de existir. Precisamos começar a nos responsabilizar pelo lixo que produzimos, repensar o consumo de plástico é um exercício cotidiano,

que requer esforço e questionamento.

Reduzir significa também tentar não gerar resíduo. Por exemplo, ao ir à farmácia, preciso levar o remédio em uma sacola? Ou ao fazer feira, preciso de todas as sacolas plásticas que me são oferecidas ou posso levar as minhas sacolas reutilizáveis? Não iremos deixar de consumir plástico de uma hora para outra, mas podemos reduzir drasticamente seu uso apenas com a mudança dos nossos hábitos e dando alguns “nãos” pelo caminho.





A ASA e suas organizações celebram a volta dos Programas de Cisternas em parceria com o Governo Federal

Por Antonio Gomes Barbosa

sociólogo, coordenador do Programa Uma Terra e Duas Águas, Programa Sementes do Semiárido, e do projeto DAKI-Semiárido Vivo, da Articulação Semiárido, ASA.

Construído a partir das muitas experiências de luta e resistência dos povos do Semiárido, o **Programa Cisternas** acessou recursos públicos pela primeira vez no final do governo Fernando Henrique e tornou-se política pública em 2003, primeiro ano do governo Lula.

Mesmo sendo reconhecido internacionalmente como uma experiência a ser seguida, o programa foi totalmente abandonado pelo governo passado, mas, agora, volta com tudo, com a perspectiva de chegar a todas as famílias do Semiárido.

O Programa Cisternas garante água para beber e cozinhar a mais de **6 milhões de pessoas** por todo o Semiárido, água que vem da captação e manejo das águas de chuva. Nesta ação, se destaca o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), e outras iniciativas coordenadas pelo Governo Federal com estados e municípios, como por exemplo, o Programa Cisternas nas Escolas, em que **7 mil escolas** receberam cisternas.

Mais de 207 mil famílias também podem produzir **alimentos de forma agroecológica**, a partir do acesso a tecnologias sociais como as cisternas de produção, tipos calçadão e enxurrada, barragens subterrâneas, barreiros trincheiros, tanques de pedra, bomba d'água popular (BAP) e outras.

O Programa Cisternas é constituído de um amplo processo de formação, sistematização de experiências, monitoramento, avaliação, e uma infinidade de processos sociais vivos, presentes também no P1MC e no Cisterna nas Escolas. A

João Roberto Ripper/Acervo Centro Sabiã



partir deste ano, volta a integrar o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), a partir do Programa Água Para Todos, com investimentos de até R\$ 2 bilhões de reais. Serão mais **250 mil novas famílias** com acesso à água para beber, e até 100 mil, com acesso à água para produção.

Além do apoio do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), o programa contará com parcerias do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Petrobras, Fundação Banco do Brasil (FBB), Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e Fundo Verde para o Clima (Acordo de Paris).

A ASA, a partir da Associação Programa Um Milhão de Cisternas (AP1MC), iniciou a contratação de 131 organizações, para levar água para mais de 50 mil famílias, com cisternas de 16 mil litros e Cisternas nas Escolas. Além disso, 5.473 famílias terão acesso ao Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), que contarão com um Fomento Produtivo de R\$4.600,00, no cartão do Bolsa Família.

Todos estes números são resultados de lutas, resistência e da caminhada na construção da convivência com o Semiárido, **pois é no Semiárido que a vida pulsa, é no Semiárido que o povo resiste!**



DOE AGORA E
TRANSFORME VIDAS



Por **Camila Petroni**

coordenadora do Espaço Agroecológico de Setúbal, integrante do quintal produtivo Maneirantes e da Associação Terra e Vida.

Já pensou em levar a sua sacola retornável às compras?

Sabemos do impacto que o plástico causa no meio ambiente, desde a morte de animais marinhos às grandes enchentes nas cidades. Pensando nessa questão, o **Centro Sabiá** e a **Rede Espaço Agroecológico** estão com a campanha **“Minha Feira, Minha Sacola, Nosso Planeta”** para que as/os consumidoras/es tirem suas sacolas retornáveis (as ecobags) do armário e levem à feira!

Quais os benefícios de utilizar as ecobags?

São mais econômicas, reduzindo o custo de comercialização dos produtos nas feiras;

- Podemos usá-las por até 5 anos, conseguindo fazer um melhor descarte do que o plástico;
- Repassamos responsabilidade ambiental para a próxima geração;
- Permite que o armazenamento do alimento seja mais seguro, além de mais confortável, pois possuem alças longas.

E se você tem costume de comprar produtos frios e congelados como as polpas, pode utilizar a bolsa térmica. Além de manter a qualidade do produto, conseguimos reduzir ainda mais a utilização do plástico.

“Minha Feira, Minha Sacola, Nossa Planeta”, participe desse movimento!

JUVENTUDE EM PROSA

Juventudes do campo empreendem e se destacam na Agroecologia e nas feiras em todo o estado

Por **Felicia Panta**

jovem multiplicadora da agroecologia, bacharela em Ciências Biológicas e agricultora empreendedora.

Nosso país tem enfrentado desafios econômicos significativos, e muitos trabalhadores têm sentido os impactos dessa situação. Para muitos, o empreendedorismo tem surgido como uma alternativa vantajosa, e isso não é diferente na agricultura familiar, surge, inclusive, como uma resposta às questões que assombram os jovens que vivem no campo.

Durante muito tempo, acreditava-se que o campo não oferecia oportunidades suficientes para a permanência das juventudes. Um dos principais motivos que levavam ao êxodo rural era a dificuldade em gerar renda para o próprio sustento naquele ambiente. Assim, empreender tornou-se uma oportunidade para a permanência no campo, de forma digna. Hoje, muitos jovens se destacam na comercialização dos seus produtos, introduzindo novas tecnologias na produção e, sobretudo, garantindo seu espaço no mercado.

As feiras da agricultura familiar desempenham um papel fundamental, pois são espaços justos de comercialização, um suporte valioso para esses jovens empreendedores. As feiras se estendem por todo o estado, promovendo a soberania alimentar e, principalmente, criando um espaço adequado para a venda dos produtos da juventude. Além disso, os jovens do campo demonstram que a inovação é essencial, utilizando diversas estratégias de marketing e as redes sociais para promover suas vendas.

Para Gildo José, jovem agricultor e empreendedor, a oportunidade de comercializar sua produção é fundamental para garantir sua renda.

PH REINAUX/Acervo Centro Sabiá



Tati Faustino e Gildo José

Ele e sua companheira, Tati Faustino, estão ativos na Feira da Agricultura Familiar de Jataúba e sempre buscam participar de eventos regionais que oferecem espaços para comercializar os produtos que beneficiam. Gildo também enfatiza a importância do trabalho em rede com outros agricultores, ampliando a variedade de produtos disponíveis nos eventos em que participam.

Essa é apenas uma das muitas experiências exitosas, o que nos permite afirmar com segurança que o empreendedorismo rural não é apenas uma tendência passageira, mas uma força vital que está fortalecendo a agricultura familiar e agindo como uma fonte de inovação e renovação. Esta é uma forma de destacar o trabalho árduo e dedicado das juventudes que desejam permanecer no campo, garantindo que nenhuma oportunidade seja negligenciada ou desperdiçada.



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

